

Uma preciosa lição

(09/10/94)

Nair Lacerda

Colaboradora

Talvez não agrade a toda gente, mas de vez em quando é salutar exercício, que faz bem aos conhecimentos filosóficos e à alma, a leitura dos sermões dos bons tempos clássicos. Não digo que seja fácil meter-se a gente pelos meandros complicados da língua, com sua curiosa grafia do século XVII, mas algumas horas passadas a decifrar a elegante linguagem arcaica de um Antônio de Sá (aliás Sá, na época) valem a pena.

O bom carioca de 1620, que já aos 17 anos vestia o hábito da Companhia de Jesus, chegou a pregador de Sua Majestade, na Capela Real. Pois ali mesmo desandava a dizer tudo quanto se lhe antolhava a respeito dos grandes e pequenos da terra, e é de crer que aos ouvidos fidalgos não soassem mal as advertências, pois que eram aceitas e louvadas. Quanto a segui-las, isso exigiria mais meia dúzia de Antônio de Sá.

Dizia o bom jesuíta, bem junto às ouças de Sua Majestade: "São os homens como os rios: os rios todos têm por fonte o mar; uns, com o curso das águas, perdem todo o sabor de sal, outros, por mais terra

que corram, levam sempre salobras as águas; uns, vão brotar nos montes, muito ruidosos e muito claros, outros cá moram nos vales, muito calados e muito turvos: este, ontem, era desconhecido aborto de uma tocca penha e hoje não há campanha para margem do seu caudaloso fundo; aquele hoje é desprezo da menor erva e ontem era o terrível maior tronco. Isto mesmo sucede aos homens. Todos têm por origem a terra: uns, com o curso dos tempos, vêm a parecer o que não foram; outros andam muito envilecidos pelos baixos da pobreza; este, como Saul, cabia ontem numa cabana, e hoje é pouco palácio para sua vaidade o mundo; aquele, como Nabuco, assiste hoje entre as feras do campo, e era ontem o assombo de monarcas, em Babilônia; mas em toda essa variedade, assim como nos rios, ou corram doces ou salgados, ou brotem claros ou turvos, sejam grandes ou pequenos, da mesma maneira os homens, ou passem a ser mais ou passem a ser menos, ou sejam ilustres ou humildes, ou habitem palácios ou cabanas, tudo é terra, tudo é cinza, tudo é pó".

E lá continua o bom padre: "Que são os postos senão subidas, cujos degraus se vencem a quedas? Quando o Demônio ofereceu as dignidades

mais luzidas a Cristo, logo meteu por condição que havia ele de cair ajoelhado diante dele, que sem cair não há de levantar no mundo, custosos altos a que não se pode chegar sem quedas. Haveis de cair diante dos príncipes, haveis de cair diante do privado, haveis de cair diante dos ministros, e quando pretendeis avantajar-vos a outros, andais humildes, beijando a mão a muitos. E o pior é que, muitas vezes, depois de tanto cair, esses mesmos que adorastes, em lugar de vos dar a mão para que subais, vos dão de mão para que não chegueis, e eles fiquem tantas vezes adorados e vós caídos por uma vez".

É. São palavras que poderiam ser repetidas nos dias de hoje, entre competições e competidores, entre os que estendem e os que negam a mão. É. Como lição de humildade, nada melhor do que um bom sermão que através dos séculos nos prega, em letra de forma, e na saborosa linguagem da sua época, o bom jesuíta Antônio de Sá. Que não discutia política nem fazia discriminação entre pobres e ricos. Levava todos de cambalhada quando lhe parecia necessário dizer a todos um bom par de verdades, sem outra arma a não ser a da sua linguagem clássica e bonita de pregador dedicado ao aprimoramento do espírito dos seus ouvintes.